

César x Catão: duas vozes antitéticas na historiografia literária de Salústio

Miriam Barcellos Goettems

INTRODUÇÃO

Historiador romano do primeiro século antes de nossa era (viveu provavelmente entre os anos 87/86 e 35/34 a.C.), *Caius Sallustius Crispus* — ou, mais simplesmente, Salústio — dedicou-se às letras somente nos últimos anos de vida, após ter sido compelido a encerrar uma carreira política caracterizada por uma série de escândalos.

Enquanto escritor, salienta-se como um dos precursores de um tipo de manifestação histórica — a monografia (que, como o próprio nome indica, se restringe à narração de um acontecimento específico, cujos pormenores são minuciosamente expostos) — até então inédita em Roma, onde a historiografia estava dominada basicamente pela analística (ou seja, por obras em que a história era organizada ano por ano), a que se viera juntar, já na própria época de Salústio, a forma dos *comentarii* (espécie de lembretes: anotações tanto quanto possível diárias dos fatos, as quais, pelo menos em princípio, deveriam servir de base para a elaboração de uma obra completa), adotada por César.

De Coniuratione Catilinae (*A Conjuração de Catilina*) e *Bellum Jugurthinum* (*A Guerra de Jugurta*) são os títulos de suas duas únicas obras — ambas monográficas — que nos chegaram na íntegra. De outro trabalho seu — *Historiae* (*Histórias*) — temos tão-somente fragmentos.

Diferentemente dos anais e dos comentários, a monografia salustiana não é um mero registro de fatos; seu objetivo precípuo é mostrar a existência de uma relação de causa e efeito que explica os acontecimentos, localizando tal causa em particular nos defeitos e vícios humanos. Preocupado com os problemas sociais, Salústio empenha-se "em ser uma espécie de filósofo da ação histórica" (Cardoso, 1989, p.127).

Em consonância com a concepção de história que detinham os antigos — concepção essa que a aproxima da poesia épica e mesmo da tragédia — Salústio esforça-se para que sua obra seja não somente histórica mas também literária, procurando sempre atingir o ideal de que as palavras estejam à altura dos fatos narrados (*Facta dictis exaequanda sunt* — *De Coniuratione Catilinae*, 3, 2). Ao fazê-lo, confere a seus textos um traço marcante: seu caráter compósito, em que a narrativa, longe de se processar de forma contínua, está entremeada de

digressões, discursos, retratos e cartas — passagens nas quais "o escritor se esmera, revelando seus dotes literários" (Cardoso, 1989, p.129).

Conscientemente anticiceroniano, Salústio desenvolveu um estilo sóbrio e elegante, cujas características básicas são a concisão, a assimetria e a tendência ao arcaizante, revelada esta última tanto no vocabulário quanto na ortografia.

Os trechos a seguir traduzidos fazem parte de dois discursos — o primeiro, de César, e o segundo, de Catão — constantes da monografia *De Coniuratione Catilinae* (capítulos 51 e 52, respectivamente). Esses discursos — cuidadosamente compostos pelo historiador, demonstrando sua preocupação de adaptar, em cada um deles, os sentimentos expressos à personalidade do orador que supostamente o está proferindo — são, no fundo, um admirável exemplo de exercício retórico. Temos ali dois discursos completos, coerentes, que se contradizem quanto ao tema central: o tipo de pena a ser imputada aos cúmplices de Catilina que se encontravam presos. Recorrendo seus emissores igualmente ao passado (a época do florescimento das grandes qualidades que marcaram o povo romano, em oposição ao presente, quando a sede de poder desencadeia os vícios, levando a sociedade à decadência) em busca de suporte para os respectivos — embora opostos — pareceres, esses discursos deixam à mostra outra característica importante de Salústio: o pensamento antitético, que, ao se contextualizar na narrativa, lhe serve de instrumento para concretizar sua concepção de história como atividade educativa e moralista.

Tomamos por base, para realizar a tradução, o texto do *De Coniuratione Catilinae* estabelecido por Alfred Ernout e publicado pela editora "Les Belles Lettres" (a referência completa encontra-se no item 3 da bibliografia).

DISCURSO DE CÉSAR¹

Todos os homens, senadores, que deliberam sobre questões discutíveis, devem estar isentos de ódio, de amizade, de ira e de compaixão. Dificilmente o espírito apercebe-se da verdade quando tais sentimentos o perturbam, e ninguém pode servir, ao mesmo tempo, às suas paixões e ao que é correto. Quando atendemos à razão, o espírito mostra-se forte; se a paixão se apossa de nós, ela é que domina, e o espírito não tem força alguma. Eu poderia lembrar, senadores, inúmeras decisões que reis e povos, movidos pela ira ou pela compaixão, tomaram erroneamente; mas prefiro referir aquilo que nossos antepassados, contrariando as paixões de seu espírito, fizeram consoante a justiça e a prudência. Durante a guerra da Macedônia que travamos contra o rei Perseu, a grande e opulenta nação dos ródios, que se desenvolvera graças ao auxílio do povo romano, mostrou-se infiel e contrária a nós. No entanto, depois que, terminada a guerra, se deliberou a

¹(A *Conjuração de Catilina*, 51, 1-8, 12-15, 25-43).
Tradução: Mirtam Barcellos Goettens.

respeito dos ródios, nossos antepassados, para que ninguém dissesse que se tinha travado a guerra mais pelas riquezas do que pela afronta, deixaram-nos ir impunes. Do mesmo modo, em todas as guerras púnicas, apesar de os cartagineses terem frequentemente cometido, tanto em tempo de paz quanto durante as tréguas, muitas ações abomináveis, jamais nossos antepassados, quando surgiu a oportunidade, praticaram atos semelhantes: tinham mais em mira o que fosse digno de si próprios do que aquilo que, embora com justiça, pudessem fazer contra outros. Vós também, senadores, deveis estar atentos a isso, a fim de que o crime de P. Lêntulo e dos demais não valha para vós mais do que a vossa dignidade e não atenteis mais para a vossa ira do que para a vossa reputação. Com efeito, se é possível encontrar um castigo compatível com as ações deles, aprovo uma resolução nova; se, porém, a grandeza do crime supera o imaginável, sou de parecer que se deve aplicar o que está previsto nas leis.

(...)A liberdade de ação não é a mesma para todos, senadores. Os que passam a vida mergulhados na obscuridade, se cometem alguma falta devido à ira, poucos o ficam sabendo; sua fama e sua fortuna são idênticas. Os que, investidos de um grande poder, vivem em posição elevada, todos os mortais tomam conhecimento de suas ações. Desse modo, quanto maior a fortuna, menor é a liberdade: convém não ter afeição, nem odiar e, sobretudo, não se encolerizar. O que nos outros se chama irascibilidade, se denomina, quando se detém o poder, prepotência e crueldade. Quanto a mim, senadores, creio que todos os tormentos são inferiores aos crimes desses homens. Mas a maior parte dos mortais lembra-se apenas dos últimos acontecimentos, e, no caso de homens facinorosos, esquecidos dos crimes deles, discutem acerca da pena, se ela foi um pouco mais severa.

Mas, perguntareis vós, quem censurará o que for decidido contra os assassinos da república? As circunstâncias, o tempo, a fortuna, cujo capricho rege os povos. Será merecido o que quer que lhes aconteça; vós, porém, senadores, considerai bem o que determinais para outros. Todos os maus exemplos originaram-se de coisas boas. Mas quando o poder vai parar às mãos de incompetentes ou de mal-intencionados, aquela medida nova é transferida de quem era digno dela e fez por merecê-la para os que eram inocentes e não a mereciam. Os lacedemônios, vencidos os atenienses, impuseram trinta homens para lhes governar a república. Puseram-se estes, de início, a executar, sem julgamento, os cidadãos mais perversos e que eram odiados por todos: o povo regozijava-se com isso e dizia que se procedera com razão. Depois, quando gradativamente sua ousadia aumentou, matavam indistintamente bons e maus ao sabor de seu capricho e dominavam pelo medo os demais. Dessa forma a cidade, oprimida pela servidão, pagou pesado preço pelo júbilo insensato. Em nossos dias, quando Sila, vencedor, mandou que fossem degolados Damasipo e outros da mesma laia, que tinham prosperado às custas do prejuízo da república, quem não elogiava a sua atitude? Diziam que merecidamente se tinham executado homens celerados e facciosos, que, com suas sedições, haviam perturbado a república. Mas essa medida foi o início de uma grande desgraça. Isso porque, quando alguém

cobiçava uma casa na cidade ou no campo, ou até mesmo um vaso ou uma roupa de outrem, empenhava-se para que este fosse assentado na lista dos proscritos. Assim, os que tinham exultado com a morte de Damasipo, eram eles mesmos, pouco depois, arrastados ao suplício, e não houve fim para as execuções antes que Sila tivesse locupletado todos os seus. Certamente eu não temo essas coisas da parte de M. Túlio nem nas atuais circunstâncias; mas, numa nação grande, há muitas e variadas índoles. Pode acontecer que em outro tempo, com um outro cônsul que também tenha em suas mãos o exército, se creia verdadeiro algo que seja falso. Se, apoiado em nosso exemplo, um cônsul, com um decreto do senado, desembainhar a espada, quem o poderá deter ou quem lhe imporá limites?

Aos nossos antepassados, senadores, nunca faltou nem prudência nem coragem; tampouco o orgulho jamais os impediu de imitar as instituições alheias, contanto que se mostrassem boas. Tomaram de empréstimo aos samnitas armas de defesa e de ataque, aos etruscos, a maior parte das insígnias dos magistrados; em suma, tudo aquilo que lhes parecia proveitoso, tanto entre os aliados quanto entre os inimigos, eles o adotavam em nossa pátria com grande diligência: preferiam imitar os bons exemplos a invejá-los. Ora, naquela mesma época, imitando o costume da Grécia, castigavam os cidadãos com açoites e infligiam a pena capital aos condenados. Depois que a república se desenvolveu, e, devido ao grande número de cidadãos, as facções granjearam força, começou-se a perseguir inocentes e a praticar outras ações desse tipo. Então foram decretadas a lei Pórcia e outras leis, através das quais se tornou permitido aos condenados o exílio. Esta é, julgo eu, senadores, uma razão muito forte para que não decidamos de forma inovadora. Sem dúvida, tiveram mais coragem e mais sabedoria aqueles que, a partir de poucos recursos, construíram um tão grande império do que nós, que, com dificuldade, conservamos os bens admiravelmente conquistados por eles.

Sou, portanto, de opinião que eles sejam liberados e aumentem o exército de Catilina? De modo algum. Meu parecer é este: que seus bens devem ser confiscados, que eles devem ser mantidos presos nos municípios que se encontrarem mais bem guarnecidos de forças militares, que ninguém, mais tarde, volte a trazer ao senado essa questão ou trate dela com o povo; quem proceder de outro modo, deve o senado considerá-lo como agindo contra a república e o bem-estar de todos.

DISCURSO DE CATÃO²

Meu pensamento é bem outro, senadores, quando analiso a situação e os perigos que nos rodeiam, e quando reflito no meu íntimo sobre as propostas de alguns. Parece-me que eles discorreram sobre o castigo daqueles que moveram

² (*A Conjuração de Catilina*, 52, 2-6, 11-23, 28-36).
Tradução: Miriam Barcellos Goettens.

guerra à sua pátria, aos seus pais, aos seus altares e lares; a situação, no entanto, aconselha mais a acautelar-se contra eles do que a deliberar sobre o que proporemos a seu respeito. De fato, punem-se outros crimes depois de terem sido cometidos; quanto a este, a menos que tomemos providências para que não se consume, em vão clamaremos por justiça quando ele sobrevier: tomada a cidade, nada resta aos vencidos. Mas, pelos deuses imortais, a vós eu me dirijo, vós que sempre prestastes mais as vossas casas na cidade e no campo, as vossas estátuas e os vossos quadros do que a república: se esses bens — sejam eles de que espécie forem — aos quais tanto vos apegais, se os desejais reter, se quereis dispor de tempo livre para os vossos prazeres, despertai finalmente e velai pela salvação da república. Não se está tratando de impostos nem de ofensas a aliados: a nossa liberdade e a nossa vida estão em perigo.

(...) Alguém vem falar-me aqui em clemência e misericórdia? Já há muito tempo, na verdade, nós perdemos os verdadeiros nomes das coisas: porque se denomina generosidade prodigalizar os bens alheios e porque se chama bravura a audácia das más ações, por causa disso é que a república está a ponto de se arruinar. Sejam — admito — liberais com os haveres dos aliados, já que assim são os costumes; sejam compassivos para com os ladrões do erário; que não sejam pródigos do nosso sangue e, enquanto poupam uns poucos criminosos, não deem a perder todos os homens de bem.

Com arte e habilidade falou C. César há pouco nesta assembléia (...). Foi de opinião que as fortunas dos culpados sejam confiscadas e que eles sejam aprisionados nos municípios, temendo, certamente, que, se permanecerem em Roma, sejam libertados à força ou pelos seus cúmplices de conjura ou por uma turba a serviço deles: como se, na verdade, os maus e os criminosos estivessem somente nesta cidade e não por toda a Itália, ou como se o atrevimento não dispusesse de mais força exatamente ali onde são menores os recursos para a defesa. Por isso, com efeito, é esse um conselho vão, se ele teme o perigo que possa vir dos conspiradores; se, em meio ao terror de todos, só ele não sente medo, tanto mais me parece necessário reear por mim e por vós. Assim, quando tomardes uma resolução acerca de P. Lêntulo e dos demais, tende por certo que estareis decidindo, ao mesmo tempo, sobre o exército de Catilina e sobre todos os conjurados. Quanto mais rigorosamente vós agirdes, tanto mais a coragem deles ficará abalada; se vos virem fraquejar — por pouco que seja —, logo estarão aqui todos arrogantes.

Não julgueis que foi pelas armas que nossos antepassados fizeram, de pequena, uma república tão grande. Se assim o fosse, nós a teríamos hoje muito mais notável ainda, visto possuímos maior quantidade de aliados e de cidadãos, bem como de armas e de cavalos, do que eles. Mas outras foram as qualidades que os fizeram grandes e que a nós faltam totalmente: na pátria, o amor ao trabalho; no exterior, uma administração justa; nas deliberações, um espírito livre e não sujeito a vícios nem a paixões. Em vez disso, temos nós a dissipação e a ganância, a indigência do Estado, a opulência de indivíduos; exaltamos as riquezas, somos partidários da indolência; entre bons e maus, nenhuma distinção; a ambição

política apodera-se de todas as recompensas devidas ao mérito. E não é para admirar: enquanto vós, separadamente, tomais a resolução que agrada a cada um, enquanto sois escravos, em casa, dos prazeres e, aqui, do dinheiro e dos favores, sucede que se trame um ataque contra a república desprotegida.

(...) É evidente que a situação é grave, mas vós não a temeis. Bem ao contrário, vós a temeis muitíssimo; mas, por indolência e fraqueza de ânimo, hesitais, um à espera do outro, confiados, certamente, nos deuses imortais, que muitas vezes, nos perigos mais sérios, protegeram esta nossa república. Não se obtém o auxílio dos deuses com promessas nem com súplicas feminis: com a vigilância, com a ação, com as decisões sábias é que tudo acontece de modo favorável. Quando nos entregamos à apatia e à inação, debalde recorreremos aos deuses; eles ficam irritados e hostis.

No tempo de nossos antepassados, A. Mânlio Torquato, durante a guerra gaulesa, mandou matar seu filho porque, contra as ordens, combatera ele o inimigo, e aquele eminente jovem pagou com a morte seu excessivo denodo; vós hesitais sobre o que decidireis acerca de crudelíssimos assassinos? Sem dúvida, os precedentes desses homens apagam a nódoa de tal crime. Respeitai, então, a dignidade de Lêntulo, se ele próprio respeitou algum dia a sua honra, a sua reputação, os deuses ou os homens; perdoai a juventude de Cetego, a não ser que, pela segunda vez, ele tenha feito guerra à pátria. E que direi eu de Gabinio, de Estatílio, de Cepário? Estes, se alguma vez tivessem levado algo em consideração, não teriam concebido tais planos sobre a república.

Enfim, senadores, se verdadeiramente houvesse tempo para erros, sem dificuldade deixaria que vós fosseis corrigidos pelos próprios acontecimentos, já que desprezais as palavras. Mas estamos encurralados sob todos os aspectos: Catilina, com seu exército, nos aperta o cerco; outros inimigos estão dentro dos nossos muros e no coração da cidade, e não se pode preparar ou resolver o que quer que seja em segredo: em vista disso, urge que nos apressemos.

Sendo assim, sou do seguinte parecer: como, pela execrável trama de cidadãos celerados, se lançou a república em perigo dos mais graves, e, segundo a denúncia de T. Voltúrcio e dos embaixadores alóbrogos, estão eles convictos e confessos de terem preparado morticínios, incêndios e outras ações terríveis e cruéis contra os concidadãos e contra a pátria, deve ser aplicada aos que confessaram, como se surpreendidos em flagrante delito, a pena capital, de acordo com o costume dos antepassados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAYET, Jean. *Littérature latine*. Paris, Armand Colin, 1965.
CARDOSO, Zelia de Almeida. *A literatura latina*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1989.
SALLUSTE. Catilina. In: _____. *Catilina. Jugurtha. Fragments des Histoires*. 3. ed. Paris, Les Belles Lettres, 1980. p.103-114.